

Soraya Lane

A Filha Italiana

Tradução
Carmen Saraiva

 Planeta

Para a minha editora, Laura Deacon. Obrigada por acreditar
nesta série desde o primeiro momento em que te apresentei a ideia.
Serei eternamente grata pela oportunidade.

Prólogo

Lago Como, 1946

Estee

Felix colocou a mão no bolso do seu casaco, e Estee susteve a respiração.

– Estee, comprei este anel no dia a seguir a ter-te visto no palco do La Scala, há tantos anos – disse Felix, segurando uma pequena caixinha de veludo vermelha. – És a única mulher que alguma vez amei.

Ela queria tanto vê-lo, queria deliciar-se com a visão do diamante que ele tinha escolhido para ela, mas em vez disso estendeu a mão até à dele e fechou-a suavemente sobre a caixa. *Ele ainda está noivo de outra mulher.*

– Não – Estee sussurrou. – Não é o momento certo. Eu quero que te declares quando estiveres verdadeiramente livre para o fazer.

Os seus olhos nunca deixaram os dela enquanto colocava a caixa de volta no bolso.

– Posso perguntar-te uma coisa?

Ela acenou com a cabeça.

– Claro que sim.

– Se eu te tivesse pedido em primeiro lugar, terias dito sim?

As lágrimas que não surgiram antes encheram-lhe subitamente os olhos.

– Sim, Felix. Mil vezes, *sim*. Tu és tudo o que eu sempre quis.

Londres, presente

Lily abriu a porta do seu apartamento e entrou, arrastando atrás dela a sua mala e saco de lona.

– Alguém em casa? – Perguntou ela, fechando a porta com o pé enquanto pousava tudo no chão.

Quando não recebeu resposta, deu mais alguns passos, olhou em volta e percebeu que nada tinha mudado nos quatro anos que tinha estado fora. Nem o branco quente das paredes, nem as almofadas do sofá, ou o espelho dourado pendurado por cima da lareira que servia de amortecedor para as inúmeras molduras de fotografias amontoadas na cornija da lareira.

Lily fez uma pausa para olhar para elas, vendo o seu próprio sorriso em quase todas. Estendeu a mão para tocar na do seu pai, passando o polegar pelo seu rosto, antes de passar para a da mãe e de se aperceber o quanto tinha sentido a sua falta.

Foi até à cozinha, sabendo instintivamente que a mãe não estava em casa sem ter de procurar muito mais. Viu um bilhete na bancada e pegou nele, apoiando-se contra o balcão enquanto os seus olhos liam as palavras.

Mal posso esperar para te ver, querida, mas decidi passar as próximas semanas em Itália já que o tempo está tão agradável agora. Encontramo-nos lá? Com amor, M.

Lily riu e deixou cair o bilhete. *Eu à espera de um reencontro há muito esperado, e ela foi para Itália!* No entanto, não podia censurá-la; ela teve de arranjar uma vida no momento em que ficou sem a sua única filha depois de Lily se ter mudado para o estrangeiro, e ela adorava que ela estivesse feliz.

Viu uma pilha de envelopes por abrir empilhados ao lado da torradeira e pegou neles, esperando que fossem para ela. Encontrou algumas cartas dirigidas à sua mãe, mas foi a que se encontrava no fundo da pilha que lhe chamou a atenção.

Aos herdeiros de Patricia Rhodes.

Lily rodou o envelope entre os dedos, perguntando-se porque a sua mãe não teria aberto algo dirigido aos herdeiros da avó. Reparou no carimbo oficial de uma firma de advogados e deslizou a unha sob o selo, decidindo dar uma vista de olhos enquanto bocejava, com o *jet lag* do seu voo de vinte e duas horas a começar a fazer efeito. Devia ser quase meia-noite onde ela tinha estado a viver, por isso não era de admirar que se sentisse cansada.

A quem possa interessar, em relação à herança de Patricia Rhodes.

Solicitamos a sua presença nos escritórios de Williamson, Clark & Duncan em Paddington, Londres, na sexta-feira dia 26 de agosto às 9 horas, para receber um bem deixado em herança. Por favor, entre em contacto com os nossos escritórios para confirmar a receção desta carta.

Com os melhores cumprimentos,

John Williamson

Lily esfregou os olhos e releu as palavras. A avó tinha falecido quando ela era adolescente, há mais de uma década, e ver o nome dela provocou-lhe um calafrio desconhecido. Ela adorava a avó; era uma das mulheres mais amorosas e amáveis que ela alguma vez conhecera, e ela apercebeu-se, com algum sentimento de culpa, que há muito tempo não pensava verdadeiramente nela, em comparação com a frequência com que pensava no pai. Sorriu ao lembrar os momentos em que

a visitava, e se sentavam ao sol a tomar chá enquanto Lily lhe contava todos os seus problemas de adolescente.

Lily alcançou o telemóvel, enviando rapidamente um *e-mail* ao advogado para pedir mais informações. *Devem ter-se enganado na pessoa. Eu saberia se houvesse algo por resolver em relação à herança, certo?*

Lily abriu os olhos. Demorou algum tempo a perceber onde estava, o teto alto e branco inicialmente era desconhecido quando ela olhou para cima, antes de se apoiar sobre os cotovelos.

Pôs as pernas fora da cama e passou os dedos pelo cabelo enquanto tentava desembaraçá-lo. O quarto estava escuro, e a pouca luz vinha do corredor, onde ela tinha obviamente deixado a luz acesa, e quando olhou para o relógio ao lado da sua cama, percebeu que estava a dormir há horas. Eram quase quatro da manhã, o que significava que ela tinha dormido grande parte do dia e da noite, e não se sentia melhor por isso, a sua cabeça estava ainda mais zonha do que quando se deitara.

Foi até à casa de banho e colocou água sobre o rosto, olhando para o seu reflexo no espelho redondo por cima do lavatório. Sem maquiagem, podia ver que o nariz e as bochechas estavam salpicados de sardas, resultado da intensa luz solar da Nova Zelândia, onde ela vivera e trabalhara. Tocou com a ponta dos dedos a sua pele e sorriu, agradada pelo seu novo visual levemente bronzeado. Combinado com os seus longos, escuros e indomáveis caracóis, ela parecia agora mais uma rapariga da praia do que da cidade, e também gostava disso. Era uma versão mais descontraída de si mesma; uma que tinha demorado anos a encontrar, e ela não queria desistir daquela rapariga só por ter regressado à sua casa em Londres.

Lily apanhou o longo cabelo escuro e enrolou-o num coque, dirigiu-se à cozinha para procurar o telefone e encontrou-o na bancada onde o tinha deixado. Verificou os *e-mails* e viu um de um antigo colega, juntamente com uma foto da vinha onde tinha trabalhado: as uvas cobertas de rede e a relva tingida de branco pelo tempo gelado. Sorriu, imaginando-se lá, a beber o seu café da manhã quando o restaurante abria, a olhar para as filas e filas de videiras que agora se estendiam até onde os olhos podiam ver. Lily suspirou. Talvez devesse ter ficado na Nova Zelândia em vez de aceitar o trabalho de verão em Itália, mas tinha-se comprometido consigo mesma, precisava de obter o máximo de experiência em regiões diferentes antes de se fixar em qualquer lugar.

Voltou à caixa de entrada no *e-mail*, procurando qualquer coisa de interesse, e viu que havia uma resposta do escritório de advogados.

Cara Sra. Mackenzie,

Obrigado pelo seu contacto. Compreendemos que o assunto da nossa carta pode ter parecido misterioso, mas achamos que seria melhor abordá-lo pessoalmente consigo, ou outro membro da sua família. Por favor, confirme se poderá comparecer na reunião de sexta-feira, caso contrário marcaremos outra hora para nos reunirmos consigo.

Com os melhores cumprimentos,

John Williamson

Em nome dos herdeiros de Hope Berenson

Hope Berenson? Lily franziu o sobrolho enquanto refletia sobre esse nome, tentando descobrir se já o tinha ouvido antes ou não. Não lhe parecia familiar, e ela só queria que a sua mãe lá estivesse para perguntar. Talvez fosse alguém relacionado com o passado da avó; talvez alguém lhe tivesse deixado algo em testamento, não se apercebendo de que ela já há muito falecera. Só esperava que não fosse uma velharia que ela tivesse de arrastar consigo até casa depois da reunião.

Lily pousou o telefone e decidiu fazer café, desesperadamente necessitada de cafeína para a ajudar a acordar.

* * *

– Querida! É tão bom ouvir a tua voz!

Lily riu-se, encostando o telefone ao ouvido enquanto ouvia com dificuldade a voz rouca da sua mãe mais tarde nesse dia.

– Não posso acreditar que decidiste simplesmente ir para Itália! – disse Lily. Estava meio à espera de uma festa de boas-vindas. – Tentou não soar muito desapontada por ter voltado para um apartamento vazio – se a mãe estava feliz, então ela estava feliz. Ela não tinha ainda conhecido o novo namorado da mãe, mas sem dúvida que pareciam ter um estilo de vida maravilhoso.

– Querida, tu detestas ser o centro das atenções, eu dificilmente te ia organizar uma festa.

Ela estava certa. Lily odiava-o, enquanto a sua mãe adorava. Ela sempre se perguntara se a extravagância da mãe teria influenciado a sua natureza mais tímida e introvertida.

– Quando vens? Encontramo-nos no Lago Como?

– Chegarei dentro de algumas semanas. Vai ser tão bom ver-te, embora talvez seja apenas por uma ou duas noites.

– Maravilhoso! Agora tenho de ir, querida, estamos prestes a embarcar num belo iate para passar o dia. Tens a certeza de que não podes alterar o teu voo e vir mais cedo para passar mais tempo connosco?

Lily abanou a cabeça, embora a mãe não a conseguisse ver. Ela estava ansiosa por viajar através da Itália; era um sítio que sempre quisera visitar, mas não queria estar no meio dos turistas. Mal podia esperar para absorver a cultura e passear pelas vinhas, respirar o ar fresco e conhecer as pessoas responsáveis pela colheita e produção do vinho. Queria descobrir pequenos restaurantes e conviver com habitantes locais em mercados pitorescos, e não queria ser mais uma entre a multidão de fãs no Lago Como a tentarem ter um vislumbre de George Clooney. O que, curiosamente, era exatamente o que a mãe gostaria de estar a fazer.

– Tenho algumas coisas para tratar em Londres primeiro, por isso não vou poder alterá-lo, mas mal posso esperar para te ver – disse Lily.

– Oh, e antes de desligares, o nome Hope Berenson diz-te alguma coisa?

– Não, porquê?

– É que havia aqui uma carta, de um advogado, endereçada aos herdeiros da avó.

– Sabes como eu sou com o correio, querida. Devo ter-me esquecido de a abrir.

– Está bem. Vou descobrir do que se trata e depois digo-te.

– *Ciao, bella!* – entouu a mãe, antes de desligar.

Lily segurou o telefone por um momento, imaginando a mãe envergando um dos seus *kaftans* de cores vivas, repleta de joias enquanto entrava num belo barco. Estava verdadeiramente feliz por ela. Tinha sido sempre uma mãe maravilhosa, sempre a colocá-la em primeiro lugar quando ela era criança e mantendo sempre tudo sob controlo depois do pai de Lily ter morrido, concentrando-se nelas como uma pequena família até Lily ir para a universidade. E por mais que Lily estivesse grata pelo facto de a mãe ter conhecido alguém, também estava nervosa por conhecer o primeiro homem que tinha arrebatado o coração da mãe desde a morte do pai.

– Diverte-te – disse ela ao telefone quando o pousou, decidindo ir tomar um duche. Abriu a torneira na casa de banho, esperou que a água aquecesse e o vapor encheu a divisão. Ainda com o nome Hope Berenson na sua mente, fechou os olhos e deixou a água escorrer-lhe sobre a cara e pelo corpo.

Ainda tinha de esperar dois dias para ir à reunião, e a curiosidade estava a matá-la.